
ANALÍTICA DO COTIDIANO:

Reflexões sobre a Reprodução Social e a Identidade Individual

Leonardo da Silva*

Gabriel Pereira Matos**

O cotidiano, o espaço onde vivenciamos a maioria de nossas atividades diárias, é um terreno fértil para questões filosóficas profundas e essenciais à compreensão da existência humana. Neste ensaio, abordaremos a visão de três importantes filósofos - Heidegger, Giddens e Heller - sobre o cotidiano e sua influência na reprodução social e na formação da identidade individual. Unindo essas perspectivas, compreendemos que o cotidiano é uma teia complexa de relações, onde a individualidade se encontra com a reprodução social. As atividades diárias, como o trabalho, os relacionamentos, os momentos de lazer, são tanto uma construção da sociedade quanto a construção do indivíduo. No entanto, essa dualidade também pode levar à alienação, à ideologização e ao niilismo, onde perdemos a capacidade de enxergar além das aparências e nos entregamos a negacionismo daquilo que desafia o comum, que é extraordinário.

Platão

Quando falamos de negacionismo que ataca a ciência, precisamos primeiro entender o que é ciência. A primeira e mais influente formulação do que significa o conhecimento está no livro *Teeteto* de Platão (1973). Nele encontramos uma coletânea que diz o que o conhecimento não é e encontramos uma conclusão que aponta para um senso comum, uma concordância momentânea entre Sócrates e seu interlocutor. Esse momento provisório de um diálogo passou para a história como a definição padrão de conhecimento: crença verdadeira justificada.

Desse modo e doravante, o conhecimento passa a ser um problema que se divide em três tópicos de investigação: a) a verdade; b) a justificação; c) a crença. Apenas os três

* Doutorando em Filosofia, PPGFIL (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

** Bacharel em Ciências Sociais/UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



elementos unidos poderiam formar o que chamamos de conhecimento. Pois de nada adianta apenas ter uma crença, nem adianta que seja verdadeira por acaso, por acidente, sem uma justificação, ou seja, sem uma explicação de como chegamos a essa pretensão de uma verdade. Inversamente, a justificação já pressupõe uma crença e uma pretensão de verdade que ela justificaria.

Quando se trata da verdade, Platão aborda a definição padrão aristotélica e tomista, que a concebe como a adequação entre o que é percebido na realidade e o que está na mente. No entanto, Heidegger (2015) apresenta uma perspectiva mais profunda, sugerindo que a verdade é o "ser dado", o encontro revelador do ser humano com o mundo. Essa compreensão da verdade como desvelamento nos leva a refletir sobre a objetividade, que muitas vezes é entendida como a descrição neutra e imparcial da realidade, buscando eliminar influências subjetivas. No entanto, Platão nos alerta que a objetividade não pode ser alcançada completamente, pois nossas compreensões prévias influenciam a maneira como percebemos as coisas. No cotidiano, podemos perder a familiaridade com as coisas ao estudá-las de forma abstrata, perdendo de vista sua natureza comum. Até mesmo a linguagem poética pode expressar objetividade, unindo conceitos em um objeto.

Problema do acesso ao fundo experiencial e o falatório

Realmente essencial para o conhecimento é a publicidade. É que se possa ter acesso ao fundamento experiencial no qual se baseia o discurso. Explico: só podemos realmente compreender o que um físico quer dizer quando fala sobre *quarks* se também tivermos acesso à experiência do acelerador de partículas e à matemática extremamente abstrata, pois, afinal, *quarks* não descrevem a natureza, mas algo que aparece em computadores do acelerador e nos cálculos. O que realmente significa o conceito de massa ou de força? Na física newtoniana são conceitos obscuros que significam apenas relações entre grandezas: força é apenas a resultante da massa em movimento, uma relação entre números mais do que entre coisas. Mas então, alguém nos fala que a gravidade distorce o tempo e o espaço. Ótimo para vender documentários e livros.

Esse, discurso sem base experiencial, é o principal perigo do cotidiano, essa é a principal fonte da inverdade. Muito antes de a negação da verdade estar em não corresponder à realidade, ela está em falar daquilo que não se experienciou ou falar para além dos limites dessa experiência. Pois, nesse momento, a fala fica oca e as palavras se desgastam, perdem aos poucos seu vigor, seu brilho.

Por exemplo: digitamos no google: “como fazer uma pizza” e logo temos uma receita que podemos seguir. Ou aprendemos de nossos pais que “deve-se fazer isso e aquilo”. Ou “deus falou para Abraão isso”, ou “não se separa sujeito do predicado” ou “os elétrons possuem um spin”. É pelo fato de termos essa herança de discursos que toda análise da ciência, conhecimento e negacionismo precisa se basear numa análise do próprio falatório e de outras estruturas que nos afastam da verdade. Isso faz parte de uma analítica do cotidiano.

Ciência do Cotidiano

Uma ciência do cotidiano se mostra possível ao considerarmos tudo que foi dito. O cotidiano é público e acessível por todos nós que somos constituintes e constituídos por ele. Uma linguagem objetiva, por sua vez, é facilmente conquistada pelo simples ligar de nossas experiências entre si e imputá-las ao objeto. Já a verdade, se mostrará se pudermos estar aptos ao encontro, abertos para que a luz entre, isto é, se pudermos ver o que se mostra no cotidiano. Mas, não precisamos começar do Zero numa tal investigação.

Anthony Giddens (1984) afirma que o cotidiano é lugar central da reprodução do social. Para ele, as práticas do dia a dia sempre devem recorrer ao já estabelecido para facilitar sua eficiência. Isso só faz sentido para Giddens porque ele pensa pragmaticamente, baseado no paradigma liberal de um indivíduo buscando realizar seus interesses no mundo gerando consequências não intencionais. Para ele, esse é um dos pontos de partida para a ciência do social, disso algumas coisas decorrem: o agente social, para satisfazer seu interesse precisa lidar com a realidade crua e dura que não se submete à sua vontade. Esse agente, então, deve recorrer ao que estiver à mão, aos recursos que lhe forem dados. Por isso, as estruturas sociais são os condicionantes da ação individual. As estruturas se baseiam em dominação, legitimação e significação. A ação individual, sem querer, contribui para a homeostase do todo ao reforçar as estruturas à cada vez que as usa. Toda ação que recorre a elas, faz valer seus efeitos. Embora possamos especificar diversos tipos de recurso, alguns mais globais se mostram centrais, sendo a linguagem o de maior destaque. O agente deve falar para atingir seus interesses. O agente depende da significação entendida por Giddens como meio de comunicação. A própria linguagem não é mais que resultado das relações tecidas no cotidiano por atores tentando se satisfazer. Desse modo, o significado das palavras está em sua contextualidade quando são proferidas a cada vez e quando foram proferidas pela “primeira vez”.

Então, vemos que para Giddens, as estruturas sociais precisam ser reafirmadas todos os dias, a todo tempo e em todo lugar. Obviamente, essa repetição do passado nunca é ao modo de um copiar e colar de um computador: à cada vez algo novo pode acontecer, pequenas variações como a diferença entre um X e um X'; essas diferenças inseridas pela ação individual impulsionam a mudança lenta da estrutura.

Embora haja coisas interessantes a serem extraídas da analítica de Giddens sobre o cotidiano, vemos algo de incomodo na base mesma dessa análise. A noção (liberal) de interesse. Contra ela, pensamos que o *inter-esse*, se bem entendido, é um estar entre as coisas, o *Inter* é o ser entre e o *Esse* é uma palavra em latim para coisa. Seríamos tentados a afirmar que a leitura do humano como um ser interessado é também sua leitura enquanto o *ser em*, e somente em, um mundo. Por isso que passamos para uma leitura livre de Heidegger de *Ser e Tempo* (2015), que justamente vai além da noção interesseira do humano para nos entregar a compreensão mundana dele.

O ser no mundo

As coisas não são no mundo, só o humano é. As coisas não estão aí, nós estamos. O ser em um mundo é estrutura ontológica essencial do humano pois somos ao modo da consciência e toda consciência precisa de algo de que ela seja consciente, ou seja, apenas por haver mundo é que podemos ter qualquer consciência, representação etc. Se imaginarmos um universo completamente vazio, devemos estar cientes de que nele não há lugar para qualquer ser, nem deus nem outra forma de consciência. A consciência precisa das coisas contra as quais se opor: o sujeito se opõe ao objeto para que possa existir como sujeito. Desse modo, o humano sempre se dá em conjunto com o seu mundo. Nunca existimos em abstrato, mas sempre em concreto num aglomerado de relações que chamamos mundo.

Mundo não é a terra, nem a coletânea de objetos físicos que compõem o universo. Mundo é *Kosmos*. O horizonte dentro do qual aparecem os entes. O mundo é sempre familiar: nós, dia após dia, sabemos o nosso caminho pelo mundo, sabemos o que fazer com os copos com água, com os semáforos, com as portas, etc. Cada coisa que usamos se refere à outras, uma completando o sentido da outra: uma pá de nada serve se estiver pendurada na parede da cozinha, seu lugar é junto de outros instrumentos similares, assim como a panela não deve estar no quarto e assim por diante. Usamos o tempo todo conhecimentos pré-reflexivos como esses, o que Heidegger chama de compreensão de ser. Nós compreendemos o mundo, o mundo nos é sempre intimamente

familiar, pois somos nosso mundo, não precisamos de nenhuma teoria para nos explicar como ficar de pé e andar por aí, nem o devido lugar de cada coisa. É secundário que algo perca sua familiaridade e apareça como um mistério sem sentido, como aparece para as questões científicas. É só quando algo perde seu sentido cotidiano que pode ser questionado. Por exemplo: é quando algo dá errado com o nosso computador que nos perguntamos o que está acontecendo e só então pensamos nele segundo teorias como programação, hardware, software, eletricidade. Desde que ele funcione bem, não há o que se questionar, nem o que pensar, o utilizamos como tem de ser usado.

O que Heidegger (2015) realmente almeja compreender é o “ser dado”, ou melhor o ser. O que significa ser? O que significa dizer que algo é? Essa questão passou despercebida pelos milênios pelo fato de sempre já termos uma resposta a ela “por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade” (p.39). Pelo fato de, enquanto humanos, sempre termos algo que nos é dado, como as coisas com a qual lidamos o tempo todo, sempre também sabemos de um modo prereflexivo o que significa que essas coisas dadas, sejam dadas e até mesmo, o que significa que nós mesmos sejamos dados, isto é, que estejamos vivos. Por isso, Heidegger é levado a investigar “a compreensão de ser vaga e mediana [que] pode também estar impregnada de teorias tradicionais e opiniões sobre o ser, de modo que tais teorias constituam secretamente, fontes da compreensão dominante.” (p.41). A compreensão mediana é a compreensão da média, a da maioria.

Varia-se um pouco aqui e ali, mas o que é mediano tem força sobre os indivíduos, pois cada um de nós é herdeiro, é constituído pelo passado da humanidade, ou seja, somos formados como expressão do gênero humano, tal como um animal é expressão de sua espécie, mas, no nosso caso, o tempo e o espaço exercem uma força muito maior de modo a criar as variações que chamamos de socioculturais. Podemos dizer que os animais expressam imediatamente aquilo que são enquanto ser genérico, isto é, enquanto espécie: um cachorro vê o mundo e se comporta como cachorro. Mas o humano não, a generalidade do humano é muito maior que a de outras espécies: não existe “O grande e geral modo” de ser humano, existe um sendo, um processo de ser e tornar-se. O humano é marcado por sua grande abertura para o encontro com as coisas, o que também alguns chamam de liberdade. Ônticamente, isto é, no mais das vezes (i.e. por milhares de anos), o humano tem sido o ser de linguagem e da Co dependência, portanto, do *Mitsein*, do ser com os outros e do aprendizado com os outros.

Para Heidegger (2015), o humano (enquanto modo de ser da presença) se encontra na maioria das vezes na indiferença e fora de seu estado mais próprio, é o estado da medianidade do cotidiano. A cotidianidade se contenta com o habitual, mesmo quando ele é opressivo. Nesse estado, apenas fazemos o que se espera que seja feito, o que se expressa de outro ângulo: a forma predominante do cotidiano é a impessoalidade, ou seja, a terceira pessoa: faz-se assim, me disseram aquilo, etc. Queremos ver o que e como os outros veem, queremos sentir como todo mundo sente, amar como todo mundo, sofrer como todo mundo. Não queremos ser muito melhores nem muito piores que os outros, mas ficar na média.

O problema é que, na mesma medida é em que uma lanterna é acesa para que a luz entre e possamos ver o nosso entorno e a nós mesmos, a lanterna não pode iluminar tudo, ela sempre deixará outra parte das coisas na escuridão. Ou seja: A cotidianidade nos permite o encontro, a clareira na floresta, a Verdade, mas também nos põe no oposto da verdade: a escuridão, o esquecimento. Nesse esquecimento e escuridão acontece o maior negacionismo. Assim, seria fácil concluir que a posição de ignorância ao discurso filosófico, artístico e científico se deve à extraordinariedade inerente a cada um desses discursos. O cotidiano e o impessoal formam nosso próprio olhar, eles são nossa forma básica de experienciar as coisas.

É assim que o cotidiano é capaz de ignorar todo o novo, não porque não haja nada de novo no mundo, mas porque o impessoal sempre vê o novo como uma novidade, como aquilo que já era esperado e como um conteúdo para sua curiosidade, para sua distração (relaxamento, negação da tração). Por isso, o falatório nunca diz nada, pois só diz o já dito e só fala do já visto. Além disso, as palavras se desgastam e o que resta da linguagem é o estreme.

A negação maior que o cotidiano nos traz é do porvir e de nosso destino. Não de qualquer mudança, pois o novo que a lanterna ilumina na escuridão é sempre recebido com alegria para logo ser deitado na cama das velhas coisas. O que é negado é a própria luz e a própria condição de “lâmparina” que o humano tem, em alemão *Lichtung*, *Licht-Luz*, aquilo que ilumina; a segunda parte *tung* é o sufixo que substantiva a palavra *Licht*. A essência do humano sendo esse trazer à luz. Por esse esquecimento de si o humano cai na ideologia e na confiança cega em seus próprios pré-conceitos.

É assim que a própria ciência pode negar a poesia e a filosofia, dizendo que elas são atividades inúteis ou sem objetividade e verdade. A ciência se prende ao modo no qual “as coisas se dão como objetos” e acredita que esse é único modo de ser possível:

algo só pode ser se é ao modo do objeto e nada mais. Uma taça de vinho é apenas um composto de vidro que pode ser descrito com matemática e geometria. Não sabem que a taça é também aquilo que trás para a comemoração, para comer junto, nos ligando aos deuses e aos nossos antepassados. Por outro lado, o homem preso ao comum e mediano não crê a taça seja mais do que aquilo que ele ordinariamente faz com ela. Para ele, o único modo de ser é o da compreensão ordinária e nada mais.

O nosso cotidiano é depressivo, nossa síndrome é de ansiedade. Na ansiedade, não é o futuro e o novo que nos ameaçam, mas o mundo vazio, o mundo deserto. Nessa síndrome, somos reduzidos à cactos que apenas sobrevivem à destruição do clima, da terra. Assistimos à redução da força da lanterna. Mas não é a luz que enfraquece, é nossos olhos que estão se tornando de toupeira. Nos tornamos habitantes do subterrâneo, das redes, do saber enlatado... zumbis. No mundo intelectual, o que é uma ínfima minoria, precisamos de cada vez mais eventos acadêmicos, de cada vez mais publicações. Enquanto os medianos se contentam com matracar sobre as distrações e as novidades, nós precisamos falar mais e mais, o que só é prova da opacidade de nossas palavras. Nos contentamos cada vez mais com as metas mesquinhez do mediano, com a felicidade, com a inovação tecnológica, a estabilidade, o respeito, o reconhecimento, a visibilidade, etc, etc. Todavia, todo o edifício dessa civilização está em ruína e em escuridão. A prova é o crescimento da angústia, depressão, fé, aquecimento global, neoliberalismo, meios de distração e dominação.

A estrutura da vida cotidiana e o trabalho

Mas essa visão não soa elitista? Quem pode sair do cotidiano sem antes perecer senão uns poucos privilegiados? Essa visão pode ser considerada elitista porque coloca uma elite intelectual ou espiritual acima da maioria das pessoas, implicando que apenas aqueles que têm a capacidade ou o acesso privilegiado a insights filosóficos ou espirituais são capazes de alcançar um maior entendimento da existência. Vamos buscar uma visão diferente e menos idealista.

O cotidiano é o solo fértil para a vida dos seres humanos, é no cotidiano que o indivíduo participa do mundo da vida. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os aspectos da vida do indivíduo, além de todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias. O ser humano é fruidor da vida cotidiana,

embora também seja atuante; tanto ativo quanto receptivo, o que ocorre então é uma retroação positiva entre o ser humano e o cotidiano - o cotidiano constrói boa parte do que o humano é; assim como, o humano também constrói parte do cotidiano. A vida cotidiana é orgânica: A vida cotidiana é um conjunto orgânico que engloba a estruturação do trabalho e da vida pessoal, momentos de lazer e repouso, atividades sociais organizadas, trocas e interações, bem como processos de purificação, como diz Agnes Heller (2016). Entretanto, a vida cotidiana é possuidora de uma hierarquia, e essa hierarquia é dada de acordo com as diferentes estruturas econômico-sociais. Todo cotidiano se constitui em torno de algo; ao longo da história, sobretudo, o cotidiano se constituiu, na maioria das vezes, em torno da organização do trabalho - através da organização do trabalho se constitui todas as outras atividades; a organização do trabalho é o máximo valor e o ideal máximo.

A vida cotidiana é a vida genérica (de toda a espécie buscando organizar sua vida enquanto espécie), enquanto para a vida do indivíduo é a vida particular – onde ele expressa todas as suas capacidades intelectuais. Em nenhuma desses modos de viver a vida o humano se encontra totalmente inteirado; sempre seremos em boa parte genéricos, assim como também seremos só às vezes parte individuais. Um exemplo concreto é que o genérico, o impessoal, o falatório, assim como também a *mimese*, é o cerne que constitui todo e qualquer indivíduo. Assim sendo, o agir genérico é o plano de fundo da vida dos indivíduos, pois é o genérico que responde a muitas questões básicas e de subsistência humana; bom como nos ensina a nos portar como adultos diante do mundo da vida. Entretanto, o genérico não nos indica a reflexão de maneiras éticas de estar no mundo, assim como também não consegue responder questões que concernem apenas humano enquanto ser: “O que devo esperar da vida?”; “Por que vivo?”; “porque as coisas existem quando podia não existir nada no universo?” – Assim como, também não responde satisfatoriamente questões do ser humano em correlação aos problemas da sociedade – “Por que estamos em crise?”; “O que explica a ascensão dos negacionismos?”.

Como diz Agnes Heller: “O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.” (2016, p.27). Logo, o cotidiano nos propõe um amadurecimento como indivíduos, nos ensinando até mesmo coisas triviais, como se sentar na cadeira, se portar na mesa, usar o garfo, a faca e a comer de boca fechada. Esse aprendizado por assimilação também é sinônimo de

assimilação das relações sociais; isso implica dizer que essa assimilação induzida pela cotidianidade, acontece “por grupos”; são esses grupos que fazem uma mediação entre os indivíduos e os costumes, as normas éticas de outras integrações maiores. Por assim dizer, essa mediação também apresenta para os indivíduos os fenômenos da vida rotineira/cotidiana, e assim o faz de uma maneira espontânea, imediata, portanto, abstrata; pois não propõe a reflexão, a indagação (a partir desse aspecto já podemos perceber algumas instancias que colaboram com os negacionismos e a crise democrática, tanto quanto, a crise civilizacional – a vida apenas acontece sem passar pela reflexão crítica; a vida de algumas pessoas apenas chega ao fim sem que se tenha produzido nem um só ponto crítico sobre a realidade). Importante seria acrescentar que a crítica de que fala não é o criticismo banal - essa crítica desconfiada e sabichona do impessoal. A crítica de que falamos é antes a crítica ao próprio grande Outro, ao próprio cerne de nossa vida coletiva, i.e, o impessoal em sua organização burguesa.

A vida cotidiana por possuir esse caráter coercitivo sobre como haveremos de nos portar, interagir, vivenciar e socializar a vida com os outros, apresenta algumas características como: espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízos provisórios, ultrageneralização, mimese e entonação. Características essas que acabam por enrijecer, fossilizar a realidade social em algum regime de verdade que versa sobre como as coisas são. Em via de regra, para um cotidiano saudável e que costumeiramente abre possibilidades para os indivíduos quebrarem a “pseudoconcreticidade” da realidade, o ideal é que as formas de pensamento da vida cotidiana não se cristalizem em absolutos, assim deixando espaço para que ocorra um movimento de possibilidades. Ele é fundamental para a existência humana, embora seja a partir dele que aconteçam fenômenos como: alienação, ideologização, fossilização do pensamento, que por sua vez acabam por gerar uma interdição das possibilidades da paixão humana em relação a buscar o progresso do mundo; além disso, o cotidiano que não é saudável, apenas acaba por enrijecer os indivíduos de acordo com o seu papel social, assim gerando um conformismo. Torna-se necessário explicar o oposto desse ser humano genérico (e separado de si) do cotidiano, para que encontremos as possibilidades dos problemas que atualmente enfrentamos.

O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Por assim dizer, o conteúdo genérico do cotidiano está “contido” em todo indivíduo; assim como em toda e qualquer atividade que possui um caráter genérico, embora o indivíduo possa exercer essas atividades por motivos particulares. Isso implica explicitar que a vida

cotidiana não estaria fora da história, mas sim, no centro do acontecer histórico; toda grande ação que não é cotidiana, ou genérica, é uma ação concreta, particular, histórica, mas que também partilham do plano de fundo da vida cotidiana – só podemos ir além do cotidiano a partir do próprio cotidiano. O ser humano particular-individual, em contraposição ao humano genérico, é o ser que, através da reflexão e das respostas que dá para a vida consegue suprir as suas necessidades, se colocando no mundo, que embora seja cotidiano, ele se coloca um tanto quanto acima em algumas questões da vida particular e social – ao exercer uma atividade artística ou filosófica, por exemplo.

Assim, o cotidiano impele para que toda manifestação de uma particularidade seja a mais genérica possível, ou melhor - como vivemos sob o modo de produção capitalista- a mais efetiva possível, que permita acumular alguma espécie de capital em cima disso *to make money* (padronização do como fazer isso ou aquilo; a famosa autoajuda; assim como a padronização de um modo de produção/ reprodução; ou modos de ser “senhor da vida” através de uma técnica específica). Enquanto isso, o humano genérico é sempre representado pela sua integração a grupos como: tribo, classe, nação, humanidade. Por assim dizer, o ser humano, sozinho, não representa essa "consciência de nós", ou seja, a grande mente coletiva durkheimiana¹. No entanto, inevitavelmente, ele está inserido em uma integração suprema chamada "humanidade". Portanto, todo homem sempre mantém alguma relação consciente com a comunidade à qual ele pertence; é nessa interação que a "consciência de nós" se forma, além de configurar a "consciência do eu". Ademais, o ser humano singular se desenvolve a partir de sua capacidade de agir e também das suas possibilidades de liberdade.

Como diz Heller, a explicitação das possibilidades de liberdade leva à formação de uma individualidade unificada, que combina particularidade e generalidade. Quanto mais unificada essa individualidade for, mais ela deixa de ser uma união silenciosa e vital entre o genérico e o particular, tornando-se uma forma distintiva da vida como um todo. Essa unidade é uma tendência que pode ser mais ou menos forte e consciente no indivíduo. Apesar do indivíduo particular-individual se sobrepor ao indivíduo genérico, é lícito lembrar que só alcançamos essa elevação saindo de uma cotidianidade. Por assim dizer, em nenhuma esfera da atividade humana é possível traçar uma linha divisória do comportamento cotidiano e do não-cotidiano, não de maneira rigorosa. Entretanto, as formas de elevação da vida cotidiana e genérica que mais produzem objetivações

¹ DURKHEIM, Émile. De la division del trabajo social. Uruguay: Shapire Editor, 1967.

concretas e duráveis são a arte e a ciência – e, talvez por isso, se tenha uma perseguição constante às ciências humanas. Apesar desse potencial disruptivo, até mesmo o artista e o cientista possuem uma vida cotidiana, problemas cotidianos que chegam a atrapalhar as suas pesquisas, sua dissertação, tese ou obra de arte. Pois eles possuem a sua particularidade-individual enquanto homens da cotidianidade, ainda que toda a sua obra volte para o cotidiano e passe a sobreviver a cotidianidade dos outros – o intelectual, o artista, deve tentar engolir, devorar, englobar o cotidiano ao seu redor para que assim sua obra se perpetue.

A vida cotidiana é altamente suscetível a processos de alienação, principalmente devido a uma atividade humano-genérica não consciente que ocorre em determinadas situações da vida social. Esse fenômeno de alienação prevalece quando há um grande descompasso entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção. Esse abismo entre o genérico e o particular variou em profundidade ao longo da história e nas diferentes camadas sociais. Nas épocas de florescimento da polis ática e do Renascimento italiano, esse abismo foi reduzido, mas no capitalismo moderno, aprofundou-se significativamente. A alienação na estrutura do cotidiano começou a expandir-se em esferas onde não é necessária e até mesmo se tornou um obstáculo para a orientação. Embora indivíduos talentosos e situações excepcionais tenham superado esse abismo em todas as épocas, para a maioria das pessoas, essa alienação persistiu, especialmente no contexto do desenvolvimento capitalista moderno.

Assim sendo, nos resta fazer a pergunta já tantas vezes feitas neste trabalho e que um dia os grandes poetas fizeram: “todo homem pode ser completo, inclusive na cotidianidade, mas de que modo?” Como podemos superar as imposições negativas do cotidiano na sociedade brasileira hoje? Rompendo a rotina diária de um entregador de aplicativo, de uma atendente de telemarketing, de um policial, de um professor, de um desempregado, de um concurseiro e de todos aqueles que dedicam seus dias à reprodução de um estilo de vida impessoal, surge a necessidade de conduzirmos nossas próprias vidas. A vida própria se contrapõe à vida imprópria que levamos no impessoal, na qual não somos verdadeiramente nós mesmos, nem pertencemos a nós mesmos. Nesse sentido, buscamos aprimorar nossa concepção do ser e do mundo e vivenciar plenamente nossa personalidade. Essa condução da vida nos leva a cultivar uma espécie de espiritualidade e uma autenticidade em relação a nós mesmos, mesmo enquanto permanecemos inseridos



na estrutura do cotidiano. Ao nos apropriarmos de nossa realidade, imprimimos nela a marca do que somos. Ser é resistir, e essa resistência é o que persiste e floresce, assim como uma árvore que se mantém verdejante. Apesar da sugestão dada, a condução da vida não pode se converter em possibilidade social universal, a não ser quando for superada essa alienação burguesa que acaba por gerar negacionismos, interdições críticas e de uma consciência social mais apurada – portanto, é extremamente necessário desafiar essa desumanização a partir da marca da nossa personalidade e de nosso encontro com o outro que também busca a si mesmo.

Conclusão e ruptura

Mostramos neste texto que o cotidiano é um dos pilares da justificação e da crença, fundamentando os discursos herdados e que tomamos por verdadeiros; a partir disso, compreendemos que a própria estrutura do cotidiano pode ser o solo de posições negacionistas da ciência, mas também do novo e do autêntico. Expomos que os filósofos Heidegger, Giddens e Heller convergem ao abordar o cotidiano como um espaço crucial para a reprodução social e formação da identidade individual. Nesse contexto, é essencial refletir sobre o cotidiano, resistindo à alienação e à pseudoconcreticidade impostas pelo sistema. Ao compreender a complexidade desse espaço, podemos buscar uma visão autêntica e engajada, transformando-o em um lugar de emancipação e liberdade. Assim, podemos resistir ao controle social do capitalismo e trabalhar para construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana. Através da reflexão e ação consciente, podemos moldar um cotidiano que promova a verdadeira realização do ser humano.

O cotidiano, imerso na discrepância entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades individuais de crescimento, tende a ocultar, em vez de revelar, a verdade das coisas. Essa pseudoconcreticidade (para usar o conceito de Karel Kosik, 1969) do cotidiano gera negacionismos, transformando a realidade em abstrações e perdendo sua essência reflexiva. Para escapar desse espectro, é preciso evitar as reflexões abstratas e imediatas oferecidas pelo cotidiano, que contribuem para a ideologização da vida, impessoalidades e o niilismo.

Para romper com a pseudoconcreticidade, é necessário emergir do abstrato ao concreto por meio da reflexão filosófica e da busca pelo conhecimento no mundo concreto e analítico. Essa reflexão se torna essencial para enfrentar o negacionismo e desvendar os segredos da vida, livrando-se das amarras impostas pelo cotidiano alienante e abrindo caminho para uma visão mais profunda e autêntica do mundo. É preciso romper com o

véu das abstrações impostas, resgatando a reflexão crítica e a busca pelo conhecimento genuíno sobre o mundo. A luta contra o negacionismo e a alienação não pode ser apenas uma tarefa individual, mas sim uma empreitada conjunta rumo à transformação social.

Referências

Durkheim, Émile. **De la division del trabajo social**. Uruguay: Shapire Editor, 1967.

Plato. **Theaetetus**. Tradução e comentário, McDowell, J. Oxford: OUP, 1973.

Giddens, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 458p.

Heidegger, M. **Ser e Tempo**, Vozes, 2015.

Heller, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11ª ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

Kosik, Karel, **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1969.

Resumo: Este ensaio explora as perspectivas filosóficas de Martin Heidegger, Anthony Giddens e Agnes Heller em relação ao cotidiano, identidade e reprodução social e mostra a relação dessa estrutura com negacionismos. Heidegger, com sua visão existencialista, destaca a importância do encontro autêntico com o mundo e a verdade, contrastando com a alienação cotidiana. Giddens, ao abordar a modernidade, discute a individualidade e a construção da identidade no contexto da reprodução social. Heller, por sua vez, analisa a influência do cotidiano na formação da "consciência de nós" e do "eu", além de apontar para a pseudoconcreticidade da realidade. Essas abordagens filosóficas revelam as complexas dinâmicas do cotidiano, incitando-nos a refletir sobre a busca por uma existência mais autêntica e consciente. Neste contexto, chama-se à ação para que questionemos os padrões impostos pelo sistema capitalista, desvendando as amarras da pseudoconcreticidade e cultivando uma vida reflexiva que transcenda a alienação cotidiana, em busca de uma identidade e reprodução social mais emancipatórias.

Palavras-chave: cotidiano, reprodução social, Martin Heidegger, Anthony Giddens, Agnes Heller, pseudoconcreticidade, alienação, autenticidade.

Abstract: This essay explores the philosophical perspectives of Martin Heidegger, Anthony Giddens, and Agnes Heller regarding everyday life, identity, and social reproduction, and shows the relationship of this structure with denialism. Heidegger, with his existentialist vision, highlights the importance of the authentic encounter with the world and truth, contrasting it with everyday alienation. Giddens, when addressing modernity, discusses individuality and the construction of identity in the context of social reproduction. Heller, in turn, analyzes the influence of everyday life on the formation of "consciousness of us" and the "I", in addition to pointing to the pseudo-concreteness of reality. These philosophical approaches reveal the complex dynamics of everyday life, encouraging us to reflect on the search for a more authentic and conscious existence. In

this context, we call for action so that we can question the standards imposed by the capitalist system, unraveling the bonds of pseudo-concreteness and cultivating a reflective life that transcends everyday alienation, in search of a more emancipatory identity and social reproduction.

Keywords: everyday life, social reproduction, Martin Heidegger, Anthony Giddens, Agnes Heller, pseudo-concreteness, alienation, authenticity.